



A importância do estudo do Novo Testamento para a Educação Teológica

Marcelo da Silva Carneiro¹

Resumo

A formação teológica precisa estar sempre em constante atualização, tanto para que o teólogo ou teóloga saibam dialogar com o momento em que está vivendo, como para ter a clareza de como compreender esse momento à luz das Escrituras. Em especial, é preciso pensar a pastoral em tempo de covid, polarizações políticas e a ascensão dos evangélicos ao poder político no Brasil. Justamente por isso, o estudo crítico da Bíblia é essencial, em especial em relação ao Novo Testamento, tendo em vista que a base da fé cristã se encontra ali. Este artigo tem por objetivo indicar a relevância do estudo crítico do Novo Testamento para a formação teológica e como isso tem importantes desdobramentos na prática pastoral.

Palavras-chave: Novo Testamento; Exegese; Pastoral; Hermenêutica

Abstract

Theological formation must always be constantly updated, both to Theologian know how to dialogue with the moment he/she's living, and to have the clarity of how to understand this moment in the light of scripture. Specially, it is necessary to think of pastoral care in time of Covid, political polarizations, and the rise of evangelicals to the political power in Brazil. Precisely for this very moment, the critical study of the Bible is essential, especially in relation to the New Testament, given that the basis of the Christian faith is there. This article has as objective to show the relevance of critical study of the New Testament for theological formation and how this has important developments in pastoral practice.

Keywords: New Testament; Exegesis; Pastoral Care; Hermeneutics

¹ Marcelo da Silva Carneiro, Doutor em Ciências da Religião, docente na Universidade Metodista de São Paulo.

1. Introdução

Vivemos um momento muito complexo em nossa sociedade e no mundo. A pandemia de Covid-19 trouxe a sensação de impotência diante de algo aparentemente simples: um vírus. Diversos segmentos foram afetados, inclusive a educação. Diante dos novos formatos a serem adotados para suprir a necessidade de continuidade da formação nos vários níveis, veio à tona uma importante reflexão: qual o valor que a formação teológica tem nesse momento? De modo mais específico, qual o papel que o estudo sobre o Novo Testamento pode ter na sociedade? Que contribuição poderá ter na formação de cidadãos críticos e conscientes, com todos os desafios que esse momento traz?

Pensemos esse momento em termos de polarização política, exclusão e aumento das desigualdades e reforço de posicionamentos conservadores fundamentados em esquemas estruturais injustos, que se expressam no racismo e machismo estruturais e na diferenciação social das pessoas.

Esse artigo tem como objetivo indicar de que modo o estudo do Novo Testamento pode ser relevante nessa construção do pensamento crítico em nossa sociedade. Inicialmente, iremos apresentar um panorama contextual em que se dá o estudo do Novo Testamento nas instituições de ensino teológico, considerando que muitas delas não são acadêmicas no estrito senso da pesquisa crítica. Posteriormente, veremos aspectos do diálogo do estudo do Novo Testamento com disciplinas das Ciências Humanas que o tornam realmente crítico. Por fim, indicaremos alguns exemplos concretos de como o estudo crítico do Novo Testamento contribui na formação teológica, possibilitando uma ação pastoral mais relevante para nossa sociedade.

2. O Novo Testamento como a base para a formação cristã: realidade e desafio

Quando uma pessoa se converte à fé cristã, necessariamente teve contato com a mensagem do Novo Testamento, pois dali aprendeu que o Evangelho é o fundamento de sua fé: Jesus morreu por ela na cruz e com sua ressurreição se tornou o Salvador dela. Aprende também sobre a origem da Igreja e das orientações de Paulo para várias comunidades que aplicamos até hoje. Tudo isso só é possível graças ao estudo que

pastores e pastoras fizeram no texto bíblico que foi iniciado ou intermediado pela formação acadêmica, seja num seminário ou numa faculdade.

Entretanto, é possível que um curso de Novo Testamento seja fincado apenas no conhecimento do texto, aplicado de forma espiritualizada à vida das pessoas, dissociando da vida concreta cotidiana. Ainda que estudem o contexto em que surgiu o NT, parece que não há uma relação direta do texto com a vida. Jesus é projetado como o Cristo onisciente, os escritos apostólicos ganham ares de material dogmático e sistemático, não havendo espaço para debates e reflexões críticas. Aparentemente, a reverência ao texto final da Bíblia é maior do que ao Deus que a inspirou.

Sem dúvida, o Novo Testamento é fundamental para a formação da fé cristã, da pessoa que passará a adotar o modo cristão de ser, a partir de determinada denominação. Mas é importante considerar em que aspectos o Novo Testamento, de fato, é central nesta formação. O estudo relativo às doutrinas, dependendo da organização da denominação em que a pessoa se forma, ou da estrutura eclesiástica em que ela trabalha, pode até citar o NT como fonte, mas de fato fazem interpretações dele a partir de critérios condicionantes acordados institucionalmente – mesmo sem uma declaração explícita desse movimento, como ocorre, por exemplo, na Igreja Católica Romana, por meio de seus documentos².

Podemos indicar como exemplo o caso de igrejas calvinistas de orientação puritana: todos os ministros e ministras de denominações diretamente relacionadas ao calvinismo têm, como base doutrinária, a ideia da TULIP, as cinco dimensões que abarcam tanto a soteriologia quanto a eclesiologia. Esse conjunto de argumentações de fé têm sua base nas Escrituras, mas a partir das interpretações de João Calvino³ e os calvinistas posteriores⁴.

² Alguns documentos que definem as normas para interpretação bíblica pelos católicos são: *Divino Afflante Spiritu* (1943), *Dei Verbum* (1965), bem como orientações sobre exegese e hermenêutica bíblicas no artigo “A Interpretação da Bíblia na Igreja”, assinado pela Pontifícia Comissão Bíblica, de 1993, disponível em A Interpretação da Bíblia na Igreja (vatican.va).

³ Especialmente no livro I das Institutas. Cf. CALVINO,

⁴ A TULIP reúne os cinco pontos considerados essenciais por setores do Calvinismo e foi definida no Sínodo de Dort (1618-1619). Os pontos são: T (Total Depravity = depravação total), U (Uncondicional Election = eleição incondicional), L (Limited Atonement = expiação limitada), I (Irresistible Grace = graça ilimitada), P (Perseverance of the Saints = Perseverança dos Santos).

HÄGGLUND, Bengt. *História da Teologia*. 6. ed. Porto Alegre: Concórdia Editora, 1999.

Assim sendo, não estamos lidando com o Novo Testamento em si, e sim com uma hermenêutica institucional feita a partir dele. O mesmo ocorre em outras vertentes, como na Igreja Metodista, em que há uma indicação dos 25 artigos de Religião propostos por John Wesley como base do movimento, presente na sua constituição⁵. Ele se baseia nas Escrituras, fala sobre elas, mas fica evidente que, em vários pontos, se impõe a interpretação dele a respeito dos ensinamentos bíblicos que passa a ser adotada de forma institucional pelos metodistas.

Não estamos discutindo aqui se as pessoas ligadas ao ministério – ou mesmo a membresia – dessas denominações efetivamente levam em conta esse corpus doutrinário; importa ter em mente a filosofia (na verdade, a teologia) institucional. Por isso mesmo os cursos teológicos contemplam as áreas bíblica e sistemática de forma paralela e complementar, mas não reunidas num único grupo de estudos. E aí entra o campo da área de Bíblia. Porém, novamente é necessário fazer um recorte para análise. Muitos cursos de teologia não apenas são vinculados a um projeto denominacional, como também não respondem aos requisitos acadêmicos do MEC. Logo, são cursos livres cujo programa e orientação tende à uma abordagem bíblica fundamentalista e conservadora. Assim, não se pode falar numa formação bíblica desprovida de amarras institucionais e ideológicas da denominação.

Para uma análise adequada do papel do estudo do Novo Testamento, então, nosso recorte será a partir de cursos reconhecidos academicamente pelo MEC que, mesmo tendo alguma vinculação confessional, permitem aos docentes ter liberdade para utilizar diferentes fontes e métodos de pesquisa e ensino. Nestes cursos a área bíblica tem liberdade em sua metodologia e em suas abordagens, tornando o estudo do Novo Testamento crítico e contextual. Para isso, se faz necessária a interdisciplinaridade com diversas áreas das ciências humanas e sociais, como veremos a seguir.

3. O diálogo do estudo do Novo Testamento com as Ciências Humanas

O estudo crítico do Novo Testamento se confunde, em parte, com o surgimento de diversas disciplinas das Ciências Humanas, como a Antropologia, Sociologia,

⁵ Cânones da Igreja Metodista - 2012-2016. Constituição da Igreja Metodista, artigo 4º, incisos 1 e 2, p. 30-31.

Arqueologia, Paleontologia, Psicologia, no século XIX, e a Linguística, Fenomenologia, Semiologia e outras no século XX. Antes disso, aliás, não se pode esquecer os impulsos que a Filosofia Moderna e o Iluminismo provocaram nas discussões filosóficas e no estudo da Bíblia. Ou seja, desde o início da Modernidade, o estudo do Novo Testamento tomou novos impulsos, acentuados a partir de Johan S. Semler (1725-1791), considerado pai do método histórico-crítico. Como afirma Martin Volkmann: “Em sua hermenêutica bíblica ele parte de dois pressupostos: a) Palavra de Deus e Escritura não são idênticas; b) o Cânone Bíblico não é uma grandeza incontestada”⁶.

Porém, os séculos XIX e XX foram preponderantes para uma virada nas abordagens, cada vez mais críticas e científicas. No Brasil, essa tendência se tornou mais evidente a partir dos anos 1970, inclusive com o surgimento de programas de pós-graduação em Teologia e Ciências da Religião⁷.

Uma abordagem que mais se tornou efetiva para os métodos mais críticos, em especial o método histórico-crítico, é a interdisciplinaridade com a sociologia e a antropologia. Na América Latina, essa abordagem foi associada ao método da Teologia da Libertação.

Considerando as implicações de uma leitura materialista da história, a partir da teoria marxista, biblistas latino-americanos (tanto homens quanto muitas mulheres) desenvolveram uma metodologia de leitura da Bíblia e da realidade que se coadunam com uma visão crítica e, ao mesmo tempo, pastoral dos textos. No Brasil, o marco dessa leitura se deu com o surgimento da revista *Estudos Bíblicos*, em 1984, com o tema “A Bíblia como memória dos pobres”⁸. Nela há quatro artigos, escritos por Carlos Mesters, Pablo Richard, Milton Schwantes e Alberto Antoniazzi. A publicação, mesmo tendo um forte acento católico, foi elaborada numa perspectiva ecumênica, permitindo que pessoas de outras confissões cristãs pudessem beber em sua fonte. Como eixo metodológico estava o “pobre”, como “categoria sociológica, designando os ‘despossuídos’, os carentes no

⁶ VOLKMANN, Martin. Exegese Histórico-crítica. In: BORTELLOTTO FILHO, Fernando (Org.). *Dicionário Brasileiro de Teologia*. São Paulo: ASTE, 2008, p. 431.

⁷ Como o programa de pós-graduação em Ciências da Religião da Universidade Metodista de São Paulo, iniciado em 1979.

⁸ VVAA. *Estudos Bíblicos 1*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1984.

sentido material, os esquecidos pela sociedade”⁹. Pablo Richard tece o seguinte comentário a respeito, de forma mais analítica:

Os pobres são o intérprete privilegiado da Bíblia. Falar dos pobres, no entanto, é falar de um sujeito *coletivo e conflitivo*. Trata-se do povo dos pobres, dos pobres como classe, grupo ou conjunto dos setores sociais explorados ou raças oprimidas.¹⁰

Considerando as abordagens adotadas, as primeiras reflexões com essa perspectiva eram mais voltadas para o Antigo Testamento, em especial em textos do Pentateuco. Porém, logo materiais do Novo Testamento começaram a ser analisados em diversos textos, sempre tendo a mediação socioanalítica como parâmetro¹¹, já no número 3 da *Estudos Bíblicos*, que trabalhou o tema “Atos dos Apóstolos: ontem e hoje”. O método associa a análise teológica com uma percepção sociológica do texto, em especial em suas dimensões política, econômica e social, no sentido da estrutura de classes na qual as diferentes sociedades antigas se organizavam.

As implicações de tal pesquisa são imensas: de uma forma pontual, se pode comentar a respeito da maneira mais viva que o leitor de hoje poderá ter da visão do mundo do entorno do Novo Testamento, permitindo uma aplicação hermenêutica mais contextualizada e relevante para a sociedade atual. Além disso, essa abordagem permitiu leituras dos textos menos dogmáticas e menos centradas apenas na própria doutrina, para desvelar estruturas promotoras da injustiça e opressão, tanto no texto bíblico quanto na realidade atual. Com isso, as perspectivas feminista, negra e, mais recentemente, LGBTQ+ puderam desenvolver reflexões de cunho acadêmico e também pastoral, buscando outros olhares sobre o texto bíblico, questionando-os ou, ao menos, desvelando neles as condições estruturais de opressão da mulher, do negro e de outros grupos minoritários.

Para tanto, esses grupos fazem uma releitura crítica não apenas do texto bíblico, mas também das interpretações históricas sobre ele. As autoras da obra *Exegese Feminista*, no prefácio, escrevem em tom de desabafo: “O que uniu a nós três autoras no

⁹ BRAKEMEIER, Gottfried. *A autoridade da Bíblia*. São Leopoldo: Editora Sinodal, CEBI, 2003, p. 67.

¹⁰ RICHARD, Pablo. *Bíblia: Memória Histórica dos Pobres*. In: VVAA. 1984, p. 20.

¹¹ Alberto Antoniazzi chama de “leitura sociológica da Bíblia”, termo pelo qual esse método ficou mais conhecido. ANTONIAZZI, Alberto. *A Bíblia Recolocada na História onde Nasceu*. In: VVAA, 1984, 50s.

trabalho colegial inspirador neste livro foram não somente a alegria e, às vezes, a irritação com a Bíblia, mas, sobretudo, o orgulho...”¹².

No mundo protestante evangelical, essa maneira de ler a Bíblia se concretizou pela hermenêutica contextual da Bíblia desde o Pacto de Lausanne em 1974.¹³ Regina Sanchez apresenta a definição dessa hermenêutica:

A hermenêutica contextual é utilizada pela Teologia da Missão integral como princípio interpretativo que possibilita a dupla tarefa: perceber a palavra de Deus nas situações de vida do texto bíblico, ou seja, no contexto bíblico; perceber a realidade histórica e de vida atual, julgá-la à luz da palavra de Deus, compreendida contextualmente sob a ótica do Reino de Deus. É nesta dinâmica que se realiza o círculo hermenêutico, no ir e vir da Palavra, que na verdade não é simplesmente um dado histórico a ser atualizado, mas é a fala de Deus ao mundo em todos os tempos e lugares.¹⁴

Apesar de diferentes nos pressupostos tomados para realizar a interpretação do texto, a hermenêutica contextual acaba pensando a realidade de forma similar à leitura bíblica feita pelo viés da Teologia da Libertação.

No hemisfério norte também foram desenvolvidos trabalhos com essa perspectiva, como o de Wayne Meeks¹⁵, Ekkehard e Wolfgang Stegemann¹⁶, Bruce Malina e Richard Rohrbaugh¹⁷, além de uma vasta pesquisa realizada por Richard Horsley¹⁸, que associou o material do Novo Testamento com seu contexto histórico, levando em conta as questões sociais e culturais. Tais autores não apenas indicaram como funcionava a sociedade

¹² SCHOTTROFF, Luise, SCHROER, Silvia, WACKER, Marie-Theres. *Exegese Feminista*. Resultados de pesquisas bíblicas a partir da perspectiva de mulheres. São Leopoldo: Sinodal, CEBI, São Paulo: ASTE, 2008, p. 8.

¹³ ZABATIERO, Julio. Hermenêutica e leitura contextual. In: ZABATIERO, Julio; SANCHEZ, Sidney; ADRIANO FILHO, José. *Hermenêutica Bíblica*. São Paulo: Fonte Editorial, FATIPI, 2018, p. 179.

¹⁴ SANCHES, Regina Fernandes. *Teologia da Missão Integral*. História e Método da Teologia Evangélica Latino-Americana. São Paulo: Reflexão, 2009, p. 137.

¹⁵ MEEKS, Wayne. *Os primeiros cristãos urbanos*. O mundo social do apóstolo Paulo. São Paulo: Edições Paulinas, 1992.

¹⁶ STEGEMANN, Ekkehard W., STEGEMANN, Wolfgang. *História social do protocristianismo*. Os primórdios no judaísmo e as comunidades de Cristo no mundo mediterrâneo. São Leopoldo: Editora Sinodal, São Paulo: Paulus, 2004.

¹⁷ MALINA, Bruce J.; ROHRBAUGH, Richard L. *Evangelhos Sinóticos*. Comentário à luz das Ciências Sociais. São Paulo: Paulus, 2017.

¹⁸ HORSLEY, Richard A. (Ed.). *Hidden Transcripts and the Art of Resistance*. Applying the Work of James C. Scott to Jesus and Paul. Leiden, Boston: Brill, 2004;

HORSLEY, Richard A. *Jesus o império*. O reino de Deus e a nova desordem mundial. São Paulo: Paulus, 2004;

HORSLEY, Richard A. *Paulo e império*. Religião e poder na sociedade imperial romana. São Paulo: Paulus, 2004;

HORSLEY, Richard A., HANSON, John S. *Bandidos, Profetas e Messias*. Movimentos populares no tempo de Jesus. São Paulo: Paulus, 1995.

naquele momento, como também de quais formas os textos fazem críticas veladas ou declaradas ao sistema político, econômico e social. Passou-se também a perceber as condições concretas em que são descritos os ministérios de Jesus e dos apóstolos, em especial o de Paulo. Com isso, a teologia política em torno dos textos foi evidenciada tal como na abordagem de algumas obras sobre o Evangelho de Marcos¹⁹.

Também podemos destacar a forma como a linguística e a semiótica mudaram a maneira de ler o texto, percebendo suas estruturas internas de comunicação e organização semântica. Essa abordagem, mesmo se afastando de uma análise histórica do texto, tem como princípio uma visão do texto como janela para compreensão do mundo, indicando ao leitor que o texto tem estruturas próprias de codificação da mensagem por meio de estratégias retóricas que não devem ser entendidas de maneira literal ou absolutista, mas interpretadas adequadamente. Aliás, nessa abordagem, a interpretação e o intérprete ganham primazia sobre um pretense sentido original do texto. Por isso mesmo, é uma abordagem que evita uma leitura dogmática e fundamentalista do texto, além de ampliar as possibilidades de aplicação da mensagem das Escrituras.

Em trabalhos sobre exegese numa perspectiva semiológica e discursiva, é possível perceber o que foi apontado acima. Veja o caso da obra *Manual de exegese*, de Julio Zabatiero. O autor afirma que “a interpretação da Bíblia é uma prática que tem diferentes sujeitos, tempos e espaços de realização”²⁰. Para ele, utilizar os métodos semiótico e discursivo permitem a ampliação das interpretações e possibilidades. É a busca de novas perguntas e possibilidades interpretativas.

Outra abordagem similar que permite essa possibilidade é a metodologia narratológica para ler a Bíblia, tendo como pano de fundo a ideia da Bíblia como literatura²¹. Aplicada por muitos exegetas atualmente, essa abordagem tem conquistado espaço e se tornado uma forma consolidada de aproximação ao texto bíblico. No caso do Novo Testamento temos o exemplo de João Leonel, que analisou o Evangelho de Mateus numa perspectiva narrativa²². Um autor internacional que se notabilizou com esse método

¹⁹ BELO, Fernando. *Uma leitura política do Evangelho*. Lisboa: Multinova, 1974;

MYERS, Ched. *O Evangelho de São Marcos*. São Paulo: Paulinas, 1992.

²⁰ ZABATIERO, Julio. *Manual de Exegese*. 2. ed. Revisada e Ampliada. São Paulo: Garimpo Editorial, 2019, p. 11.

²¹ GABEL, John B., WHEELER, Charles B. *A Bíblia como literatura*. Uma introdução. 2. ed. São Paulo: Edições Loyola, 1993.

²² LEONEL, João. *Mateus, o Evangelho*. São Paulo: Paulus, 2013.

é Daniel Marguerat, que escreveu um interessante comentário sobre Atos dos Apóstolos, também na perspectiva narratológica²³.

Poderíamos ainda indicar como a arqueologia, numismática e o estudo da paleografia ajudam a entender certos costumes, imagens e ideias presentes no texto do NT²⁴, ou como hoje se buscam abordagens que aliam estudos documentais de textos antigos com a contextualização sócio-histórica do primeiro século²⁵. Muitas obras têm surgido com essas abordagens, sempre procurando ampliar a visão e compreensão dos estudantes do Novo Testamento. Com tudo isso em mente, é possível pensar numa série de contribuições concretas que esses materiais podem gerar na formação teológica.

4. Contribuições do estudo crítico do Novo Testamento para a formação teológica

Diante das diversas possibilidades de interação e recursos para compreensão e estudo do Novo Testamento, vejamos que contribuições efetivas o estudo crítico pode ter na formação teológica em nosso contexto, considerando alguns exemplos e análises de textos.

A primeira grande contribuição é a abertura para novos olhares sobre o texto bíblico. A percepção de que o texto não nasceu pronto, mas faz parte de um longo processo histórico e cultural, tem muita importância na forma de ler a Bíblia. Mesmo considerando a revelação e inspiração das Escrituras, é possível pensar nesse processo dinâmico, em que as palavras humanas transmitem a mensagem divina. Daí cria-se a possibilidade de uma análise menos rígida do texto, verifica-se suas condicionalidades históricas e torna-se possível ter uma interpretação contextual²⁶. Desenvolve-se, inclusive, a percepção de como a interpretação do texto é condicionada historicamente, libertando-nos da rigidez de repetirmos interpretações feitas séculos atrás.

Um exemplo disso é o texto de Mt 27.25, em que o povo responde a Pilatos sobre a condenação de Jesus: “Caia sobre nós o seu sangue e sobre nossos filhos!”. Por muito

²³ MARGUERAT, Daniel. *A primeira história do cristianismo: Atos dos Apóstolos*. São Paulo: Loyola, 2003.

²⁴ Por exemplo, CROSSAN, John Dominic, REED, Jonathan L. *Em busca de Jesus. Debaixo das pedras, atrás dos textos*. São Paulo: Paulinas, 2007.

²⁵ Como na obra de SAMPLEY, J. Paul (org.). *Paulo no mundo greco-romano*. Um compêndio. São Paulo: Paulus, 2008.

²⁶ ZABATIERO, 2018, p. 179.

tempo a Igreja interpretou que todos os sofrimentos que os judeus tiveram foi punição por terem condenado Jesus, que passou a ser o iniciador de uma nova religião contra a religião legalista dos judeus. Na verdade, em alguns momentos, durante a Idade Média, os cristãos perseguiram os judeus tendo como justificativa tal situação. Até mesmo os reformadores tinham posições contrárias aos judeus, como Lutero em seu texto *Sobre os Judeus e suas mentiras* (*Von den Juden und ihren Lügen*, de 1543), o que muito contribuiu para o acirramento dessas relações. Após a 2ª Guerra Mundial, no entanto, tal ideia passou a ser considerada inaceitável e uma nova consciência quanto à relação entre cristãos e judeus passou a influenciar os estudos do Novo Testamento. Hoje, Jesus e Paulo voltaram a ser inseridos em seu devido contexto judaico, superando a ideia de que teriam iniciado uma nova religião²⁷.

O segundo aspecto, que é consequência do anterior, é a aproximação do texto com a vida, permitindo a vivência de uma militância cristã. Ao vermos as condições históricas em que o texto foi produzido, como ele retrata angústias e situações humanas concretas, deixamos um olhar romântico sobre o texto bíblico para analisar o texto a partir da vida e iluminar a vida pelo texto. Isso permite uma vivência cristã mais engajada com nosso momento histórico e social, menos idealista e escapista. Permite que tenhamos empatia com pessoas em diferentes situações, assim como Jesus teve, no seu tempo. Ajuda-nos a atualizar os desafios do Evangelho, propostos na desafiante mensagem de Jesus, registrada nos evangelhos.

Além disso, militância cristã aqui deve ser entendida como a prática vivencial da fé, encarnada em nossa realidade, superando a dicotomia mundo/igreja, profano/secular, que há muito vem sendo questionada, mas que precisa ser aprofundada pelos grupos teológicos e missionários. Se pegarmos o texto de Mc 6.34-44 e seus paralelos em Mateus e Lucas, que relata o episódio em que Jesus alimenta uma multidão, numa perspectiva mais concreta da situação, veremos que o milagre não foi o de multiplicação, mas o de partilha e solidariedade, conceitos muito importantes em nossa sociedade hoje. Assim, o texto sai apenas de uma ilustração do poder de Jesus – que não estamos negando – para

²⁷ Como se pode perceber na nova perspectiva de Paulo, bem como nos estudos sobre Jesus. Cf. DUNN, James. *A nova perspectiva sobre Paulo*. Santo André, SP: Academia Cristã, São Paulo: Paulus, 2011; BAILEY, Kenneth E. *Jesus pela ótica do Oriente Médio*. Estudos culturais sobre os evangelhos. São Paulo: Vida Nova, 2016; FLUSSER, David. *Jesus*. São Paulo: Editora Perspectiva, 2002; VERMES, Geza. *Jesus e o mundo do judaísmo*. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

uma visão de construção de uma comunidade solidária. Isso permite uma interpretação menos alegórica do texto, em que os pães e peixes se tornam elementos espiritualizados, como a própria pregação do Evangelho, por exemplo, para uma compreensão mais concreta do texto, de como devemos ter compaixão dos que nada têm e realizar o que for possível por eles²⁸.

Não menos importante, o estudo crítico permite a geração de freios contra posturas dogmáticas e fundamentalistas. Uma análise crítica do texto bíblico, mesmo do Novo Testamento, verifica que não se pode ter na mesma conta todos os textos. Há um grau diferenciado de relevância e possibilidade de atualização entre eles. Alguns textos conseguem ser tão relevantes hoje quanto no passado. Outros falam menos ao nosso tempo, ainda que tenham sido importantes no momento em que surgiram. O processo de canonização do Novo Testamento pode ser um bom indício para se perceber essa diferença. Textos que demoraram a ser amplamente aceitos precisam ser analisados de modo diferente daqueles que tiveram aceitação quase imediata pelas comunidades cristãs nos primeiros séculos²⁹.

Além desse aspecto, o estudo textual do Novo Testamento demonstra como alguns textos foram resultado de interpolação posterior, muitas vezes num movimento conservador e de inserção de vozes contrárias ao do texto original. Um exemplo bem marcante é o da ordem para as mulheres se calarem na igreja, presente em 1Co 14.33b-35 e 1Tm 2.11-12. O estudo diacrônico³⁰ desses textos demonstra que: 1 Timóteo não é uma carta autêntica paulina, posto que nem mesmo Marcião a incluiu em seu cânon (uma forte evidência externa), o que indica uma datação já no segundo século. Logo, a orientação para que as mulheres fiquem em silêncio não é paulina, mostrando uma tendência do séc. II de silenciar as mulheres como liderança – fato que pode ter dado origem, inclusive, a diversos grupos que são representados em textos não canônicos, como *Evangelho de Maria Madalena*, *Atos de Paulo e Tecla* etc.

²⁸ Cf. GASS, Ildo Bohn. Dai-lhes vós mesmos de comer... (Mateus 14,13-21). In: *Centro de Estudos Bíblicos – CEBI*. Agosto de 2017. Disponível em: Dai-lhes vós mesmos de comer... (Mateus 14, 13-21) [Ildo Bohn Gass] - CEBI.

²⁹ Para essa discussão de canonização, vale a pena ler o extenso trabalho de Werner G. Kümmel, em sua obra *Introdução ao Novo Testamento*, parte 2, p. 627-673. KÜMMEL, Werner G. *Introdução ao Novo Testamento*. 2. ed. São Paulo: Paulus, 1982.

³⁰ A leitura diacrônica da Bíblia se preocupa com os processos de formação do texto, e não apenas com sua forma final. Cf. EGGER, Wilhelm. *Metodologia do Novo Testamento*. São Paulo: Edições Loyola, 1994, p. 155ss.

Por outro lado, no caso de 1Co 14.33b-35 tem sido entendido como uma interpolação desse mesmo grupo de 1 Timóteo – um remanescente do círculo paulino com tendências mais conservadoras – sobre o texto original, harmonizando a proibição de Timóteo num texto mais antigo de Paulo. Não há evidência disso pela crítica textual³¹, mas se tirarmos esse trecho da carta e lermos de forma sequencial 1Co 14.33^a com o v.36 perceberemos que há uma continuidade temática maior do que com o texto do silenciamento das mulheres: 33^a: “porque Deus não é de confusão, e sim de paz. 36 Porventura, a palavra de Deus se originou no meio de vós ou veio ela exclusivamente para vós outros?” Considerando que nos versos anteriores e posteriores Paulo está tratando do uso da profecia no ambiente público, então percebe-se que a ordem para que as mulheres não falem é uma quebra na lógica argumentativa. Somente um olhar crítico consegue pensar nessa possibilidade e compreender que, à luz dos escritos de Paulo, esses trechos representam uma quebra de opinião e postura do próprio apóstolo. Isso tem repercussões muito importantes ao se considerar o ministério feminino hoje e a atuação da mulher na sociedade em geral³².

Outro aspecto, que de certo modo foi indicado acima, mas que é importante explicitar, é a percepção da complexidade do mundo bíblico e da própria vivência de fé. É preciso estudar aspectos semânticos e de discurso para perceber que muitas vezes os textos estão carregados de ironia, humor, retórica, tudo para atrair a atenção dos ouvintes/leitores, tornando o texto persuasivo, atraente e marcante para a memorização. Em vários casos, essa percepção muda a interpretação do texto. É o caso de Romanos 13.1-7, que costuma ser usado para justificar uma subserviência ao Estado (quando convém), inibindo uma postura de oposição e críticas aos governos, pelo fato de o apóstolo afirmar que “todo homem esteja sujeito às autoridades superiores” (13.1). Entretanto, diversos estudos de retórica indicam que Paulo estava sendo irônico nesse texto, assim como Jesus foi quando declarou a respeito do tributo: “Dai a César, o que é

³¹ Cf. BYRNE, Brendan. *Paulo e a mulher cristã*. São Paulo: Edições Paulinas, 1993, p. 94ss. Algumas autoras, como Luise Schottroff, no entanto, pensam que se trata realmente de um texto paulino, problematizando a afirmação a partir do contexto histórico do apóstolo. Cf. SCHOTTROFF, Luise. *Mulheres no Novo Testamento*. Exegese numa perspectiva feminista. São Paulo: Edições Paulinas, 1995, p. 109ss.

³² Cf. ANDREATTA, Cleusa Maria, ROCCA, Susana, Azevedo, Wagner Fernandes de. Vozes que desafiam. O ministério feminino, beguinias e Mechthild de Madgeburgo. In: *Instituto Humanitas Unisinos*. Agosto 2019. Disponível em: *Vozes que desafiam. O ministério feminino, beguinias e Mechthild de Madgeburgo - Instituto Humanitas Unisinos - IHU*.

de César, e a Deus o que é de Deus” (Mc 12.17), texto que também costuma ser mal interpretado, conforme aponta Uwe Wegner e outros³³.

O estudo crítico, nesse caso, demonstra também como as diferentes comunidades cristãs do primeiro século eram plurais e tinham diferentes percepções sobre Cristo e a missão da Igreja. Não se pode tentar harmonizar as comunidades para as quais Paulo escreveu, nem mesmo as comunidades que geraram os evangelhos. São círculos e contextos diferentes, interpretaram Jesus de formas diferentes, mesmo mantendo a mesma essência. Essa pluralidade presente nos textos ajuda a entender que a pluralidade das vertentes cristãs hoje não significa pecado ou erro, mas reflexo da diversidade humana, permitindo uma melhor compreensão do ecumenismo e do diálogo entre os diferentes.

Considerações Finais

Não se pode afirmar que o estudo crítico do Novo Testamento seja infalível ou absoluto, justamente porque ele se compreende finito em sua proposta, posto que é resultado de análises feitas a partir do humano, considerando textos produzidos humanamente sobre o fenômeno da fé. Quando a academia considera seus resultados parciais como algo absoluto, ela recai no mesmo erro do fundamentalismo, com sua pretensa dominação da verdade pelo fato de fazer determinadas interpretações do texto.

Todavia, a despeito dessa autoconsciência de finitude – ou de suas limitações metodológicas e hermenêuticas, para usar termos mais adequados – o estudo crítico do Novo Testamento tem a vantagem de estar sempre atento ao mundo ao redor, em consonância com seus estudos do texto bíblico. Seus resultados clareiam o sentido do texto, mas, de forma ainda mais importante, clareiam o sentido do texto à luz da realidade em que vivemos, permitindo um diálogo entre ambos, o passado e o presente, as memórias registradas e a vida em fluidez constante – não dogmatizando e cristalizando experiências condicionadas historicamente como se fossem definições universalizantes e definitivas.

Tudo que foi exposto neste artigo tem como pressuposto básico a formação teológica, que deve gerar mulheres e homens comprometidos com os ideais do reino de Deus. Ideais estes que são entendidos aqui como a manifestação do amor de Deus pela

³³ WEGNER, Uwe. Jesus, a dívida externa e os tributos romanos. In: REIMER, Ivoni Richter (Org.). *Economia no mundo bíblico*. Enfoques sociais, históricos e teológicos. São Leopoldo: Editora Sinodal, CEBI, 2006, p. 111-134.

humanidade em seu Filho Jesus Cristo que, por meio de ações e palavras mostrou amor e compaixão por pessoas nas mais diversas situações, indicando uma preferência pelos fracos, os oprimidos e oprimidas, os marginalizados e marginalizadas, indicando uma nova forma de viver a fé. Tal conceito de reino, aliás, só é possível ser afirmado por conta do estudo crítico do Novo Testamento.

Cabe, ainda, a cada um fazer as leituras e adequadamente aplicar os conhecimentos de forma ética e responsável, mantendo sempre a mente aberta a mudanças, entendendo que no cerne dos textos bíblicos há uma máxima que jamais será superada: o amor do Deus criador pela sua criação, que fez tudo para proporcionar salvação e forjar um povo que expresse esse amor na terra. Todo o resto é possível de ser reinterpretado, relido e até ignorado. Se a pastoral atual pretende ser relevante para a sociedade, esse é, sem dúvida, um caminho incontornável.

Referências bibliográficas

ANDREATTA, Cleusa Maria; ROCCA, Susana; AZEVEDO, Wagner Fernandes de. Vozes que desafiam. O ministério feminino, beguinas e Mechthild de Magdeburgo. In: **Instituto Humanitas Unisinos**, ago. 2019. Disponível em: Vozes que desafiam. O ministério feminino, beguinas e Mechthild de Magdeburgo - Instituto Humanitas Unisinos - IHU. Acesso em 05/12/2020.

BAILEY, Kenneth E. **Jesus pela ótica do Oriente Médio**. Estudos culturais sobre os evangelhos. São Paulo: Vida Nova, 2016.

BELO, Fernando. **Uma leitura política do Evangelho**. Lisboa: Multinova, 1974.

BORTELOTTO FILHO, Fernando (Org.). **Dicionário Brasileiro de Teologia**. São Paulo: ASTE, 2008.

BRAKEMEIER, Gottfried. **A autoridade da Bíblia**. São Leopoldo: Editora Sinodal, CEBI, 2003.

BYRNE, Brendan. **Paulo e a mulher cristã**. São Paulo: Edições Paulinas, 1993.

CALVINO, João. **As Institutas**. Edição Clássica. Tradução de Waldyr Carvalho Luz. 2. ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2006.

CROSSAN, John Dominic; REED, Jonathan L. **Em busca de Jesus. Debajo das pedras, atrás dos textos**. São Paulo: Paulinas, 2007.

DUNN, James. **A nova perspectiva sobre Paulo**. Santo André, SP: Academia Cristã, São Paulo: Paulus, 2011.

EGGER, Wilhelm. **Metodologia do Novo Testamento**. São Paulo: Edições Loyola, 1994.

- FLUSSER, David. **Jesus**. São Paulo: Editora Perspectiva, 2002.
- GABEL, John B.; WHEELER, Charles B. **A Bíblia como literatura**. Uma introdução. 2. ed. São Paulo: Edições Loyola, 1993.
- GASS, Ildo Bohn. Dai-lhes vós mesmos de comer... (Mateus 14,13-21). In: **Centro de Estudos Bíblicos** – CEBI, ago. 2017. Disponível em: Dai-lhes vós mesmos de comer... (Mateus 14,13-21) [Ildo Bohn Gass] - CEBI. Acesso em 05/12/2020.
- HANSON, John S. **Bandidos, Profetas e Messias**. Movimentos populares no tempo de Jesus. São Paulo: Paulus, 1995.
- HÄGGLUND, Bengt. **História da Teologia**. 6. ed. Porto Alegre: Concórdia Editora, 1999.
- HORSLEY, Richard A. (Ed.). **Hidden Transcripts and the Art of Resistance**. Applying the Work of James C. Scott to Jesus and Paul. Leiden, Boston: Brill, 2004.
- HORSLEY, Richard A. **Jesus o império**. O reino de Deus e a nova desordem mundial. São Paulo: Paulus, 2004.
- HORSLEY, Richard A. **Paulo e império**. Religião e poder na sociedade imperial romana. São Paulo: Paulus, 2004.
- IGREJA Metodista. Cânones da Igreja Metodista - 2012-2016. In: **Igreja Metodista. Portal Nacional**. Disponível em: Cânones 2012-2016 (metodista.org.br). Acesso em 03/12/2020.
- KÜMMEL, Werner G. **Introdução ao Novo Testamento**. 2. ed. São Paulo: Paulus, 1982.
- LEONEL, João. **Mateus, O Evangelho**. São Paulo: Paulus, 2013.
- MALINA, Bruce J.; ROHRBAUGH, Richard L. **Evangelhos Sinóticos**. Comentário à luz das Ciências Sociais. São Paulo: Paulus, 2017.
- MARGUERAT, Daniel. **A primeira história do cristianismo**: Atos dos Apóstolos. São Paulo: Loyola, 2003.
- MEEKS, Wayne. **Os primeiros cristãos urbanos**. O mundo social do apóstolo Paulo. São Paulo: Edições Paulinas, 1992.
- MYERS, Ched. **O Evangelho de São Marcos**. São Paulo: Paulinas, 1992.
- PIO XII. Carta Encíclica Divino Afflante Spiritu. In: **Vatican.va**. 1943. Disponível em: Divino Afflante Spiritu (30 de Setembro de 1943) | PIO XII (vatican.va). Acesso em 05/12/2020.
- PIO XII. Constituição dogmática Dei Verbum. In: LOPES, Geraldo. **Dei Verbum**. Texto e comentário. São Paulo: Edições Paulinas, 2012.
- PONTIFÍCIA, Comissão Bíblica. **A Interpretação da Bíblia na Igreja**. 1993. Disponível em A Interpretação da Bíblia na Igreja (vatican.va). Acesso em 04/12/2020.
- REIMER, Ivoni Richter (Org.). **Economia no mundo bíblico**. Enfoques sociais, históricos e teológicos. São Leopoldo: Editora Sinodal, CEBI, 2006.



SAMPLEY, J. Paul (org.). **Paulo no mundo greco-romano**. Um compêndio. São Paulo: Paulus, 2008.

SANCHES, Regina Fernandes. **Teologia da Missão Integral**. História e Método da Teologia Evangélica Latino-Americana. São Paulo: Reflexão, 2009.

SCHOTTROFF, Luise; SCHROER, Silvia; WACKER, Marie-Theres. **Exegese Feminista**. Resultados de pesquisas bíblicas a partir da perspectiva de mulheres. São Leopoldo: Sinodal, CEBI, São Paulo: ASTE, 2008

SCHOTTROFF, Luise. **Mulheres no Novo Testamento**. Exegese numa perspectiva feminista. São Paulo: Edições Paulinas, 1995

STEGEMANN, Ekkehard W.; STEGEMANN, Wolfgang. **História social do protocristianismo**. Os primórdios no judaísmo e as comunidades de Cristo no mundo mediterrâneo. São Leopoldo: Editora Sinodal, São Paulo: Paulus, 2004.

VERMES, Geza. **Jesus e o mundo do judaísmo**. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

VVAA. **Estudos Bíblicos 1**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1984.

ZABATIERO, Julio, SANCHEZ, Sidney, ADRIANO FILHO, José. **Hermenêutica Bíblica**. São Paulo: Fonte Editorial, FATIPI, 2018.

ZABATIERO, Julio. **Manual de Exegese**. 2. ed. Revisada e Ampliada. São Paulo: Garimpo Editorial, 2019.